

TECNOLOGIA LEGITIMADA: COMO TIRAR O CELULAR DA CLANDESTINIDADE EM SALA DE AULA.

MARCELA SOARES GOMES

Graduado, Universidade Brasileira de Faculdades, RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ
prof.yohans@faculdadevitoriaemcristo.edu.br



RESUMO

O presente trabalho traz a luz do nosso tempo a emergência de se considerar o aparelho celular de fato uma ferramenta para a utilização em sala de aula. Esse trabalho nasceu como uma pesquisa de campo na escola em que sou professora do quinto ano do ensino fundamental, Escola Municipal Condessa Infante, no Município de Belford Roxo – RJ, Onde no ano de 2019 foram proibidos o uso de celular na escola para profissionais e alunos, devido ao mal uso interpretado pela gestão vigente na unidade escolar. Como essa pesquisa tentei conhecer melhor o ambiente escolar e a comunidade em que estou inserida para poder pensar em alternativas viáveis para o uso do celular na escola, e colocá-las em prática, aproveitando o potencial para o ensino que essa ferramenta pode nos fornecer.

Palavras chaves – Celular, processo ensino aprendizagem, alunos.



ABSTRACT

The present work brings the light of our time to the emergence of considering the cell phone in fact a tool for use in the classroom. This work was born as a field research in the school where I am a teacher of the fifth year of elementary school, Condessa Infante Municipal School, in the Municipality of Belford Roxo - RJ, where in 2018 the use of cell phones in the school for professionals and students, due to the misuse interpreted by the current management in the school unit. As this research I tried to get to know better the school environment and the community in which I am inserted in order to be able to think of viable alternatives for the use of cell phones at school, and put them into practice, taking advantage of the teaching potential that this tool can provide us.

Keywords - Cell phone, teaching and learning process, students.



Introdução

Esse trabalho nasceu de uma acalorada discussão que tive na escola em que trabalho como professora com a gestora da unidade escolar, por um simples motivo: A mesma decidiu proibir o uso do aparelho celular na escola para qualquer fim. Entenda, não estou contando um relato de algo que ocorreu a 15, 20 anos em que os aparelhos eletrônicos eram outros completamente diferentes e mais escassos de se ver nas mochilas dos alunos do ensino fundamental e nas bolsas dos funcionários como hoje, isso ocorreu em 2019, ou seja, época em que o celular é uma realidade para muitos de nós para muito mais que ligar, mas para fazer uma série de outras coisas no nosso cotidiano. Se esse aparelho é tão útil e importante na nossa vida, por que não usarmos na sala de aula? Mas claro usando de maneira efetiva e eficaz, pensando e pesquisando formas de fazer isso acontecer. Fez mais sentido para mim pesquisar como implantá-lo do que simplesmente proibir seu uso.

Usamos aparelhos como os celulares e computadores no nosso cotidiano todos os dias para praticamente tudo, seja para fazer uma ligação para a farmácia ou para falar com alguém do outro lado do mundo, seja em lojas, nos bancos, em casa para fazer uma pesquisa, verificar o tempo... isso já faz parte da nossa realidade a um bom tempo independente se gostamos ou não, se entendemos ou não, se queremos ou não. Ela está aí, as tecnologias da informação e comunicação estão ao nosso redor, e o celular é um aparelho fundamental para desenvolvimento de tal e como negar sua legitimidade dentro da escola, do ambiente educativo que forma cidadãos para o mundo, que precisam aprender a utilizar as



ferramentas do dia a dia para se enquadrar no mundo vigente de maneira eficaz e competente?

Confesso que entendi os motivos que levaram a gestora a tomar essa drástica atitude, dentre eles o fato dos professores gastarem, segundo ela, muito tempo nos seus celulares, fazendo qualquer coisa que não era dar aula, e alunos que se sentiam no direito de fazer o mesmo e não prestar atenção nas aulas. Mas negar esse inevitável instrumento que está em nossas mãos todos os dias é anular a oportunidade de fazer dele um aliado para o processo ensino aprendizagem, como se ele fosse o culpado marginal de todos os males de indisciplina e apatia escolar (por parte dos alunos e dos professores). Por isso comecei a minha jornada em tentar descobrir como reverter essa ideia da cabeça dela, e nesta tentativa descobri que precisava de um pouco mais de esforço e olhar crítico sobre a forma que usamos os celulares na escola para que realmente eu conseguisse demover ela da ideia que ele era o vilão. As dificuldades iniciais me trouxeram uma certa apatia e sentimento fatalista que aquilo não iria mudar, mas à medida que os dias começaram a passar a falta que sentia de tirar uma dúvida de um aluno na aula via Google, ou usar algum jogo eletrônico para gamificar a minha aula, ou na hora que pensava o quanto seria impossível trabalhar com o método que tanto gosto de sala de aula invertida já que não tenho como usar ferramentas informacionais na escola (a escola não tem sala de informática nem computadores a disposição dos alunos) dentre outros momentos frustrantes foram me fazendo ver que eu e meus alunos, e na verdade todos os alunos da escola, estavam perdendo muito, ao nos eximirmos do direito de usar as ferramentas informacionais em sala e assim decidi pensar em um jeito de fazer isso se tornar real



novamente, porém de uma forma em que a comunidade escolar ao fim deste processo pudesse não só entender a importância e a necessidade do uso das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar mas se apropriar da melhor forma possível, na medida das nossas possibilidades, do seu uso consciente.

A proibição de maneira legal

O estado do Rio de Janeiro, como outros estados do país, sancionou uma lei sobre o assunto proibindo o uso de celulares nas escolas que o compete, escolas estaduais, a lei abaixo citada na íntegra:

Lei 5222/08 | Lei nº 5222, de 11 de abril de 2008 que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro.

*O governador do estado do Rio de Janeiro. Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei: **Art. 1º** Fica proibido o uso do telefone celular nas salas de aula das escolas públicas estaduais. **Art. 2º** Caberá ao Poder Executivo regulamentar esta Lei a partir de sua publicação. **Art. 3º** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.*

Esta lei deixa claro uma coisa: Ela se restringe a as escolas estaduais, deixando a cargo das escolas particulares e municipais a escolha de fazer alguma coisa sobre o assunto, o que torna legítima qualquer iniciativa a respeito se os municípios e as escolas particulares assim acharem necessário. Pesquisando sobre, oficialmente não existe no município em que trabalho nenhuma lei sancionada sobre o assunto, porém é notório dentro da secretaria de educação a liberdade dada a gestão das escolas de decidirem isso se sentirem necessidade. Ou seja, isso prova que a decisão da escola em que trabalho é legítima, gostaria que tivesse sido discutida entre os



profissionais de educação e com a comunidade escolar como um todo, o que não aconteceu, mas é legítima.

Não foi nada arbitrário e contra a lei o que aconteceu, mesmo porque a própria gestão me permitiu pesquisar e buscar alternativas diferentes para mudar essa realidade. Mas até segunda ordem a proibição se matinha.

Buscando por documentos que me amparassem, já que pela lei não achei nada contrário, vi que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) prevê o uso da tecnologia na escola, tendo em vista que a sociedade está imersa no meio digital. De acordo com a pesquisa TIC Educação de 2016, o celular já faz parte da vida de 93% da população brasileira incluindo, é claro, muitas crianças e jovens. A pesquisa enaltece os aplicativos, funcionalidades e facilidades dos celulares que auxiliam no contexto pessoal e também podem ser inseridos no ambiente escolar como prática educacional.

Já os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) falam das tecnologias de informação dedicada apenas para o Ensino Médio. Observe a parte retirada do mesmo.

Considerando o papel que a Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias tem a desempenhar no desenvolvimento dessas estruturas superiores, podem-se destacar as competências básicas que se encontram referidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, notadamente Três: Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a soluções.

[trecho do PCN, vol. 2, pg.24].

Ou seja, até na questão referentes aos documentos oficiais de educação ainda há muito o que se desenvolver, mas isso não me fará desistir. Após



verificação da legalidade fui buscar entender um pouco melhor sobre as tecnologias de informação e comunicação que tanto mudaram o nosso cotidiano e que nos possibilitam usar o celular como usamos hoje.

Entendendo um pouco mais sobre as TICs

TICs é a abreviação de tecnologias da informação e comunicação, que são o conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si que proporcionam, por meio de função de hardware, software e telecomunicações, a autonomia e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino aprendizagem. Surgiu em meio a terceira revolução industrial que ocorreu em meados do século XX, a partir da década de 1950. Nesse momento, diversos campos do conhecimento começaram a sofrer mudanças em consequência do avanço tecnológico vivido nesse período e jamais visto anteriormente.

As indústrias que desenvolveram alta tecnologia começaram a se sobressair em relação às indústrias que se destacavam nas fases anteriores da Revolução Industrial, como a metalurgia, siderurgia e a indústria de automóveis.

Assumiram posição de destaque, nesse momento, a robótica, genética, informática, telecomunicações, eletrônica, entre outros. Os estudos desenvolvidos nessas áreas acabaram modificando todo o sistema produtivo, visto que o objetivo era produzir mais em menos tempo, empregando tecnologias avançadas e qualificando a mão de obra que assumiu a liderança em todas as etapas de produção, comercialização e gestão das empresas envolvidas na fabricação e comércio dos bens produzidos. Além de novas invenções, muitas criadas para servir à Segunda Guerra Mundial, houve também aprimoramento de invenções mais antigas. Tudo isso associado ao processo produtivo. Máquinas mais eficientes, instrumentos mais precisos e a introdução de robôs alteraram o modo de organização da indústria, possibilitando o aumento da produção e dos possíveis lucros, diminuindo os gastos com mão de obra, bem como diminuindo o tempo que se levaria até a fabricação do produto final.



Além do desenvolvimento alcançado no setor industrial aliado ao desenvolvimento do campo científico, a Terceira Revolução Industrial mudou também as relações sociais e as relações entre o homem e o meio. As novas tecnologias desenvolvidas, nessa fase, possibilitaram que as informações fossem transmitidas cada vez mais rápido e estimularam a interação entre as pessoas do mundo todo.

O tempo e distância reduziram-se ao passo que o conhecimento se desenvolveu. As pessoas passaram a estar conectadas de maneira instantânea. Esse rompimento de barreiras físicas e temporais que conectou culturas, tradições, línguas e história ficou conhecido como globalização.

Essa fase da Revolução Industrial ainda é vivida nos dias atuais, bem como seus resultados. Muitos bens produzidos e inventados nesse período são largamente utilizados pela sociedade, especialmente os eletrônicos. A alta tecnologia possibilitou a criação de novos computadores e softwares associados ao desenvolvimento da internet. Surgiram computadores pessoais cada vez menores e mais eficientes. Surgiram também os chips e diversos outros produtos eletrônicos.

A energia atômica passou a ser utilizada, criaram o foguete de longo alcance, e os satélites também passaram a ser usados. Houve aprimoramento dos telefones, criando-se a telefonia móvel. O campo da medicina também sofreu modificação com as novas tecnologias. Fala-se agora em biotecnologia. A genética transformou o mundo. Foram desenvolvidos novos medicamentos, novas formas de prevenção de doenças e novos tratamentos. Todas essas criações desenvolveram novas relações sociais conforme a vida da população ficou mais prática. A internet e os eletrônicos diminuíram a distância e o tempo. Milhões de mensagens, imagens e informações são enviadas instantaneamente, independentemente da localização geográfica. Nasci nos anos 80, onde todo esse desenvolvimento informacional ainda era bem embrionário em minha infância e adolescência, hoje uma criança que nasceu em 2010 já está totalmente ambientada a essa realidade sem entender como era possível que vivíamos antes sem nada disso. Conversar com pessoas em qualquer local em tempo real, pagar uma conta via celular, pedir comida por aplicativos, assistir filmes e séries na palma da mão, tudo isso e muito mais é tão comum que as crianças simplesmente não entendem como isso, que está em todos os locais, não faz parte da escola em que estudam, e eu os entendo. Um bebê hoje pegar um celular, apertar o alto falante e dizer o nome do desenho que quer assistir no Youtube e não



saber falar papai e mamãe e comum então o que aconteceu com a escola para ficar tão atrás assim?

Uma infinidade de fatores políticos e sociais de infraestrutura e falta de investimentos em áreas como ciência e tecnologia no país, observe a reportagem abaixo da revista Exame e veja em que pé estamos em relação a desenvolvimento tecnológico no Brasil:

Figura 1 – Reportagem

ECONOMIA

O que faz o Brasil ser um dos piores no ranking de competitividade digital

Pais segue na 57ª posição entre 63 países com gargalos fortes em áreas como educação. Uma boa surpresa é o nível de digitalização dos serviços do governo

Por **Ligia Tuon**
Publicado em: 26/09/2019 às 09h00
🕒 Tempo de leitura: 4 min

📧 🌐 📧 📧 📧 📧 📧

São Paulo – Falta de mão de obra qualificada, de investimentos e agilidade nos negócios estão entre os fatores que mantêm o Brasil nos últimos lugares do ranking de competitividade digital da escola de negócios suíça IMD.

A nova edição da lista, divulgada nesta quinta-feira (26), mostra o país estagnado desde o ano passado na 57ª posição entre 63 países.

É a pior posição desde que o ranking começou há cinco anos. O Brasil foi da 56ª posição em 2015 para a 54ª em 2016 mas, já no ano seguinte, caiu para a 55ª. Em 2018, foi para a 57ª, onde segue até hoje. Os primeiros lugares são Estados Unidos, Singapura, Suécia e Dinamarca.

Para avaliar competitividade digital econômica dos países, foram analisados três fatores: "Conhecimento", que significa a capacidade do país de entender e aprender novas tecnologias; "Tecnologia", que é a competência para desenvolver inovações digitais; e "Preparação para o Futuro".

Do ano passado para este, o Brasil melhorou em "Conhecimento" e "Preparação para o Futuro", mas ficou estagnado em "Tecnologia".

Disponível em <https://exame.com/economia/o-que-faz-o-brasil-ser-um-dos-piores-no-ranking-de-competitividade-digital/>



Não posso me ater neste trabalho aos motivos pelos quais isso acontece, mas a última frase da reportagem destacada acima deixa claro que em um país de estagnação tecnológica, fica difícil sonhar com uma escola informacional. Será mesmo?

Se me convencer disso, que essa e todas as outras reportagens depreciativas sobre o assunto em questão me mostraram e eu desistir, nada vai mudar, mas se eu tentar, pelo menos tentei. Então prefiro tentar.

Antes de mais nada, quero deixar claro que isso não é altruísmo. É necessidade mesmo, sinto necessidade em sala de levar para aquele lugar, que é um reproduzidor espelho da realidade para meus alunos, as ferramentas que definem este período no nosso tempo histórico. Mas como começar?

A primeira atitude que tomo frente a ideia de legitimar essa ferramenta informacional na escola é retirar totalmente da minha cabeça o pensamento fatalista que me inclina a achar que nada vai mudar e é tudo assim mesmo. Preciso fazer um recorte espacial, não pensar no todo, mas olhar para o recorte, que é a comunidade escolar pela qual estou inserida como professora e através deste olhar chego na minha segunda atitude: pesquisar e observar. Preciso conhecer melhor a comunidade, responsáveis, alunos, profissionais de educação, em relação a como eles se relacionam com as tecnologias informacionais em suas vidas cotidianas. Criei um questionário o mesmo para todos, a comunidade escolar como um todo recebeu bem a iniciativa e aceitaram participar. Um exemplo do questionário a seguir:



Questionário entregue a comunidade escolar

QUESTIONÁRIO

1-Marque um x nos aparelhos eletro eletrônicos que tem em casa:

Smart TV-() Laptop-() Computador-() Celular- ()
 Micro-ondas-() Home theater-()

2-Marque um x nas redes sociais que tem e costuma usar:

Twitter-() Instagram- () Facebook- () YouTube-()
 WhatsApp-() Tik tok-() LinkedIn-() Snapchat-() Netflix-()

3-Você costuma usar algum aplicativo de compra e uso pela internet no celular?

IFOOD-() Mercado livre-() UBER- () Outros: _____

4-O que costuma a fazer com seu celular além de fazer ligações?

5-Você tem algum jogo baixado em seu celular ou computador? Quantos?

6-Quanto tempo gasta, ao longo do dia em redes sociais ou utilizando aparelhos eletro eletrônicos?

De 1 a 2 horas por dia () Mais de 6 horas por dia()

De 3 a 4 horas por dia () De 5 a 6 horas por dia ()



7- Se te desafiasse a ficar sem o seu celular por 1 mês você ficaria?

Sim () Não () Por que? _____

8- Você acha as novas tecnologias de informação e comunicação algo benéfico ou maléfico para sua vida? Por que? _____

9- Você acha que podemos usar celulares nas escolas? Sim? Não? Por que?

10 – Se sua resposta da pergunta 9 foi sim, me dê dicas de como usar os celulares na escola?

Os alunos entrevistados tinham entre 12 e 15 anos e todos os profissionais de ensino da escola aceitaram participar do questionário (turno da manhã e da tarde) ao todo 46 profissionais. O questionário foi realizado durante os meses de julho e setembro de 2019, ao todo participaram do questionário 232 pessoas entre responsáveis, alunos e profissionais.

Resultados do questionário

Nas primeiras semanas em que comecei a fomentar a ideia na escola com meus colegas de trabalho, todos foram bem receptivos, mas a fala era unânime: - “Não nos sentimos aptos a usar tecnologia na sala, pois não temos capacitação para tal. Todos os meus colegas usam redes sociais e tem o celular como ferramenta cotidiana diária, fazem coisas mil nos seus cotidianos informacionais, porém não se sentem a vontade para trabalhar em sala com as mesmas, os questioneei em relação a isso, o que causou um certo desconforto, me pareceu que meus colegas professores acharam que meu questionamento soou como uma crítica, como se eu estivesse os



pedindo para sair de uma confortável posição de estagnação para a luz de trabalhos mais voltados para a realidade vivida dos alunos. Bem era isso mesmo que eu queria, não que ficassem chateados, mas que o desconforto os causasse pelo menos um incomodo que os fizessem olhar de maneira diferenciada para essa ferramenta. Concordo totalmente com eles no quesito do aperfeiçoamento e capacitação para uso tecnológico no cotidiano escolar não existir em muitos estados e municípios do Brasil de fato, mas isso não pode significar que não temos que nos reciclar, buscar por isso, mas neste momento só queria fomentar uma discussão saudável para um melhor uso de certas ferramentas tecnológicas na escola, e pesquisando e questionando para entender melhor os porquês incômodos e estranhamentos acontecem mesmo, é normal.

Passado esse primeiro momento de dúvidas e inquietações, (isso tudo antes do questionário ser entregue e respondido), Comecei a entregar os questionários, e nesse período tive uma sensação ótima que aquelas simples perguntas já estavam fazendo algum movimento na escola e fora dela, meus alunos começaram a conversar sobre isso comigo e entre si e o assunto não era outro, ideias começaram a surgir, aulas começaram a nascer das ideias deles e comecei a ficar animada. Ao fim do processo os resultados abaixo.

Sobre a primeira pergunta eu estava interessada em saber se a casa dos entrevistados tinha os aparelhos mais comuns para uma casa inserida na realidade informacional vigente. 72% dos entrevistados tem todos os aparelhos citados, isso se deu por causa do Home theater que coloquei na lista, um aparelho muito que já está caindo em desuso, pois as novas tvs Smart, dizem vir com Home theater embutido, por isso preferi tira-lo da lista, o que mostrou uma mudança para 90% dos entrevistados com esses aparelhos em suas casas.



Em relação a pergunta 2, todos os entrevistados usam pelo menos algumas das redes sociais perguntadas:

Gráfica 1



Acervo pessoal

Essa pergunta me surpreende, pois todas as pessoas questionadas utilizam alguma rede social das perguntadas, independente da idade (tivemos entrevistados com mais de 80 anos) o que mostrou pra mim que a comunidade em que a escola está inserida já tem o celular e suas comodidades referentes aos aplicativos acima, sendo utilizadas, de diferentes maneiras por diferentes pessoas, mas sendo usadas. Outra coisa interessante é o engajamento político que vi muitos expressarem em relação a alguns aplicativos, como o Facebook e o Twitter, pelo menos uma 20 pessoas disseram que não utilizam mas era eram usuárias anteriormente, porém não consomem mais estes aplicativos por não se identificar mais politicamente



com o que encontram neles. O LinkedIn foi o único aplicativo que tive que explicar para as pessoas no geral sobre o que se tratava.

Referente as perguntas 3 e 4 o gráfico abaixo:

Gráfico 2



Acervo pessoal

A diversidade de utilidades escritas nos questionários foi imensa, cada pessoas usa seu celular de maneira bem particular: de buscar receitas a assistir cultos evangélicos e missas no Youtube, ou buscar emprego a namoro em aplicativos, cada pessoa o personaliza como deseja, mostrando o quanto essa ferramenta realmente já está totalmente inserida na vida das pessoas, com relatos como, “sem meu celular eu não durmo”; “Quando ele quebrou entrei em depressão”; “Tenho minha vida toda aqui dentro”. Como esse aparelho se tornou tão fundamental para nossas vidas dessa forma?

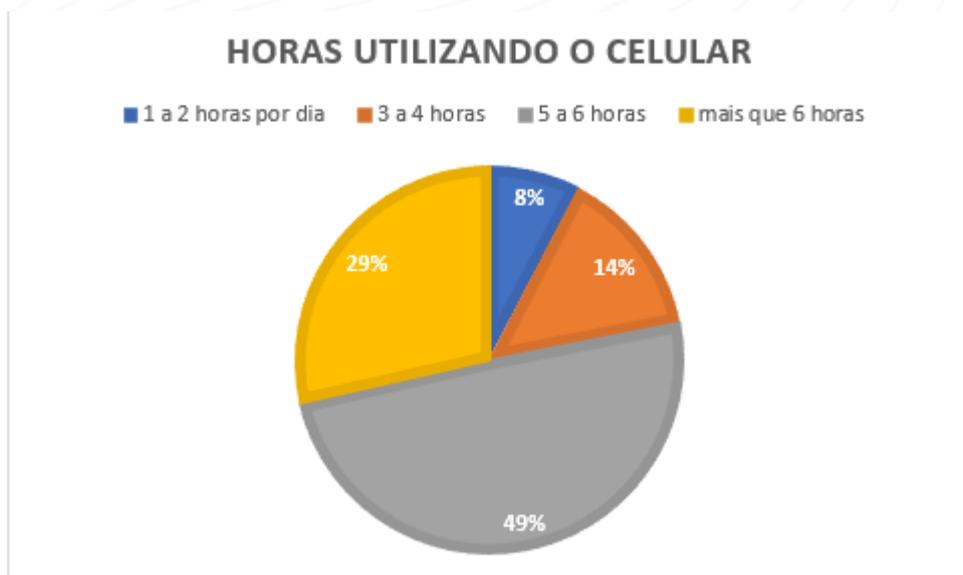


Essa pergunta fica para um próximo trabalho. Os quesitos no gráfico mostrados foram os que mais se repetiram no questionário.

Referente a pergunta 5 somente menos de 10% (19 pessoas) das pessoas disseram que não tem jogos baixados em seu celular.

A pergunta número 6 teve o intuito de entender o tempo ao longo do dia que as pessoas tem gastado com os celulares, tanto as crianças como os adultos deixaram claro que gastam um bom tempo de seus dias utilizando os celulares como observado no gráfico a seguir:

Gráfico 3



Acervo pessoal



Todas as pessoas disseram não, que não ficariam sem seus celulares em resposta à pergunta 7 (algumas pessoas disseram que ficariam se ganhassem alguma recompensa por isso em troca).

Nas perguntas 8 a 10 as pessoas se mostraram num geral receptivas ao uso dos celulares em sala, isso se houver um propósito didático específico para tal, até mesmo os professores inicialmente reticentes, disseram sim, e entre as sugestões dada para o uso:

- Usar aplicativos com brincadeiras como quiz para que os alunos respondam a perguntas da aula;
- Passar trabalhos pelo WhatsApp para que os alunos previamente;
- Tirar dúvidas em tempo real na sala pelo celular;
- Criar competições em que os alunos possam criar grupos na internet para resolverem problemas;
- Assistir vídeos referentes a aula dada;
- Produzir conteúdo;
- Criar blogs;
- Criar jogos;
- Resolver problemas matemáticos;
- Visitar museus virtuais;
- Descobrir mais sobre experiencias científicas.



Foram tantas possibilidades interessantes que senti de verdade que essas perguntas fizeram a comunidade começar a realizar em suas mentes a ideia de se utilizar o celular de maneira efetiva e legítima na sala. Fiquei extremamente satisfeita. Muitos responsáveis vieram conversar comigo sobre o assunto e todos muito receptivos e cheios de idéias, aquilo começou a tomar forma na escola como um todo.

Efetivando a ideia

Após esse período de fomentação da ideia e resposta da comunidade frente ao uso dos celulares na sala, precisávamos (a essa altura estávamos juntos como comunidade pensando como fazer acontecer) pensar, de maneira prático o que precisamos para começar, e a primeira resposta foi: uma boa internet e Wi-fi na escola. Esse não é o caso da nossa escola, pensar em liberar Wi-fi para todos os alunos e profissionais não dá, nosso Wi-fi não é tão bom para isso e não tivemos uma resposta positiva para que isso resolvesse. Então pensamos em algumas alternativas em reuniões que fizemos sobre o assunto:

- O professor que quiser usar o celular, precisa previamente em seu planejamento expor a necessidade;
- Os professores de primeiro ao terceiro ano poderão utilizar seus celulares de maneira didática na aula de forma expositiva aos alunos (estes alunos não estão autorizados a usar celulares em sala);
- Os alunos do quarto e quinto ano (nossa escola só vai até o quinto ano), poderão utilizar seus celulares em duplas ou grupos (por enquanto não de



maneira individual) nas aulas que forem necessárias, utilizando o Wi-fi da escola;

- Nos intervalos é proibido o uso, facultativo se os alunos estiverem pesquisando algo, sobre a autorização e total fiscalização do professor;

- Todas as turmas deverão buscar o uso mais efetivo do Laptop para que todos os alunos possam ter acesso em sala de algo na internet. (A gestora se comprometeu a trazer um, para uso coletivo);

- Professores que estiverem em sala utilizando os celulares para qualquer outro fim que não for assuntos pedagógicos serão advertidos;

- É pedido a compreensão de todos os funcionários da escola em relação ao uso do celular em ambientes da escola apenas para fins emergenciais;

- O não cumprimento deste levará ao fim da iniciativa de retomada do uso do celular e a proibição voltará a vigorar.

Conquistamos uma “lei”, algo que poderia nos reger para começar a pensar na efetivação do uso. Comecei criando um projeto com a turma em que eles pesquisaram os benefícios e os malefícios do celular, e tiveram que gravar um vídeo explicativo (trabalho em grupos) para passar na escola, e confeccionar cartazes com dicas de uso e idéias para o uso consciente do celular, a apresentação foi aberta ao público.

A turma do quarto ano também produziu cartazes e se apresentou com uma peça sobre o tempo gasto no celular. (Não consegui as autorizações necessárias para expor fotos neste trabalho)



Queremos fazer mais reuniões periódicas com a comunidade sobre o assunto e continuar a caminha para uma escola mais informacional.

O que começou com um veredito de proibição terminou se transformando num projeto que mobilizou toda a escola a repensar o uso do celular e aos alunos a entender que este aparelho pode ser um aliado do ensino aprendizagem.

Atualização do projeto em 2020

O projeto começou a ser pensado a partir do meio do ano de 2019 e começa a ter forma na escola de fato no último bimestre de 2019. 2020 seria de fato o ano que iniciáramos a implantação do projeto em todos os bimestres com alguns ajustes e mudanças devidas, porém não conseguimos, tivemos apenas 3 semanas de aula efetiva (ocorreram problemas com a distribuição de água no estado do Rio de Janeiro que paralisou as aulas logo na terceira semana letiva e depois a pandemia de Corona vírus, que paralisou as aulas de fato) Curiosamente, hoje as aulas tem sido todas ministradas através do celular, e por esse fato inusitado, acredito que no retorno das aulas tudo será diferente, pois agora o celular se tornou, mesmo que de maneira um tanto indesejada, ninguém queria estar passando por esse momento, a única alternativa junto com os computadores, para levar as aulas até os alunos.

Que ironia, pensei tanto em fazer isso acontecer em 2019/2020 e hoje essa realidade em que vivemos reconfigura nossa ideia de dar aula e insere o celular de tal forma em nossa realidade que acredito que nunca mais seremos os mesmos, professores criando aulas online, mandando vídeos, criando jogos interativos, aulas invertidas... pais e responsáveis que agora de



fato precisam ajudar seus filhos a operacionalizar as aulas, alunos inseridos no EAD (educação a distância) tão novos, novas tecnologias a serem pesquisadas, metodologias a serem refiguradas, currículo repensado, que fase importante para a educação, podemos aproveitar o momento e transformar a educação como a conhecemos. Minha esperança é que esse momento seja pensado como uma oportunidade de nos aprimorarmos, crescemos e entender a necessidade das tecnologias de informação e comunicação dentro da escola e fora na vida cotidiana de todos.



Referência Bibliografia

BRASIL, **Orientações Complementares Curriculares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) Linguagens, Códigos e Tecnologias.**

Brasília: MEC, 2006.

Hummel, Eromi Izabel. **Tecnologia Assistiva: a inclusão na prática.** Ed. Appris. São Paulo, 2015.

Comitê gestor da internet no Brasil. **Pesquisa Educacional 2019 CETIC.** Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/educacao/> Acesso em: 23 de abril de 2019.

Tardeli, Denise D'áuria. **O cotidiano escolar as novas demandas educacionais.** Ed. Cengage Learning, São Paulo.2012.

Pacievich, Thaís. **Tecnologia de informação e comunicação.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

Tuon. Ligia. **O que faz do Brasil ser um dos piores países no ranking da competitividade digital.** Disponível em: <https://exame.com/economia/o-que-faz-o-brasil-ser-um-dos-piores-rankin-g-mundial/> Acesso em: 29 de maio de 2019.

